



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

FERNANDA LOURENÇO DE SOUSA

**SER CRIANÇA E TER INFÂNCIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS
NOVOS ESTUDOS SOCIAIS**

CAJAZEIRAS-PB

2018

FERNANDA LOURENÇO DE SOUSA

**SER CRIANÇA E TER INFÂNCIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS
NOVOS ESTUDOS SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação (UAE) do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *Campus* Cajazeiras-PB, como requisito para obtenção do título de Licenciado(a) em Pedagogia

Orientadora: Profa. Esp. Maria Thaís de Oliveira Batista.

CAJAZEIRAS-PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

F363s Sousa, Fernanda Lourenço de.
Ser criança e ter infância: uma análise a partir dos novos estudos
sociais / Fernanda Lourenço de Sousa. - Cajazeiras, 2018.
54f.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Esp. Maria Thaís de Oliveira Batista.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2018.

1. Educação infantil. 2. Criança. 3. Infância. 4. Formação de
professores. I. Batista, Maria Thaís de Oliveira. II. Universidade Federal
de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 373.2

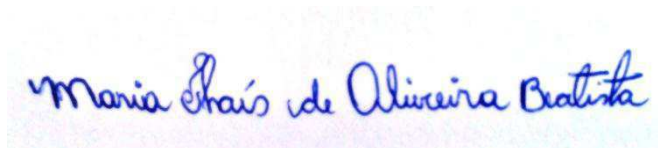
FERNANDA LOURENÇO DE SOUSA

**SER CRIANÇA E TER INFÂNCIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS
NOVOS ESTUDOS SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação (UAE) do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *Campus* Cajazeiras-PB, como requisito para obtenção do título de Licenciado(a) em Pedagogia.

Aprovado em: 01/03/2018

BANCA EXAMINADORA



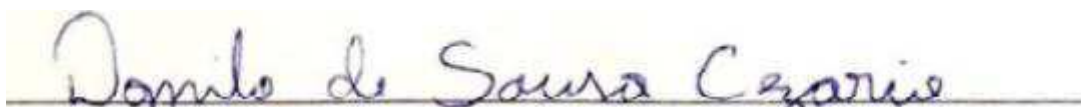
Prof^ª. Esp. Maria Thaís de Oliveira Batista – UAE/CFP/UFCG

Orientadora



Prof^ª. Dra. Zildene Francisca Pereira – UAE/CFP/UFCG

Examinador(a) Titular



Prof. Ms. Danilo de Sousa Cezario – UAE/CFP/UFCG

Examinador(a) Titular

*Ao meu pai, Viola e à minha mãe, Jisus,
por todo amor e carinho recebido
durante essa caminhada.
Aos meus irmãos Francisco e Felipe,
também, por todo amor e carinho.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Senhor Deus, pelo dom da vida e todas as oportunidades recebidas;

Aos meus pais Viola e Jisus, por todos os incentivos recebidos, pelos ensinamentos que sempre me deram e por estarem sempre ao meu lado, sendo minha base em todas as situações vivenciadas ao longo da minha jornada;

Aos meus irmãos Francisco e especialmente a Felipe, por me aguentar durante essa caminhada, por suportar meus momentos de aflições, angústias e estresse;

Aos meus sobrinhos, João Victor, Maria Victória e Maria Eduarda, por todo o carinho recebido e a quem amo profundamente;

Às minhas tias, Lúcia e Vilanir com quem morei durante grande parte do curso, que sempre me apoiaram e cuidaram com tanto amor de mim.

À minha orientadora Thaís, por todos os momentos partilhados, pelos incentivos, conselhos e ajuda durante a construção desse trabalho. Que sempre me atendeu com atenção e disponibilidade;

Agradeço à Zildene, Danilo e a Aparecida por acolherem com prontidão o convite para participar da minha banca examinadora;

À todos os professores do curso de Pedagogia, que contribuíram de forma significativa para a minha formação;

Às minhas amigas que conquistei durante esse percurso, Maria De Fátima, por todo amor, conselhos e carinho que me foram dedicados, à Rita, Leila, Maézia e Karla com quem vivenciei os melhores momentos durante a minha vida estudantil, e a todas as minhas colegas de turma, cada uma tem um lugar especial em minha vida;

Aos meus amigos com quem partilhei meus medos, anseios e tantos momentos de risadas e descontração, que sempre estiveram ao meu lado me incentivando e apoiando. À Gigi pela prontidão e parceria de todos os dias. A Juju e Leide Carla pelos conselhos. Amizade de sempre;

Por fim, a todos, o meu muito obrigada!

*“Para aqueles que se interessam pelos mundos das
crianças em quaisquer contextos”.*
(Niina Rutanen)

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo principal analisar as concepções de infância e criança na visão de professores de Educação Infantil da cidade de Aparecida-PB. A partir desse objetivo foram delineados outros quatro que deram mais especificidade ao nosso trabalho, os quais são: discutir as categorias de infância e criança a partir dos novos estudos sociais; investigar as concepções de professores acerca da infância e suas implicações na prática docente; compreender o lugar do brincar em meios aos processos de socialização na Educação Infantil, bem como refletir acerca da importância da formação inicial para um trabalho de qualidade na Educação Infantil. A pesquisa surgiu a partir do seguinte questionamento: quais são as concepções de criança e infância de professores da rede pública da cidade de Aparecida-PB, e o que isso implica na sua prática no âmbito da Educação Infantil? Na metodologia utilizamos a pesquisa qualitativa através de uma entrevista semiestruturada contendo cinco questões-temas. Os dados foram analisados a partir do procedimento de Análise Temática. Participaram da pesquisa quatro professoras da rede pública municipal da cidade de Aparecida-PB, com idade entre 30 e 50 anos. Os resultados dos dados coletados nos mostram que é comum vermos os termos criança e infância serem entendidos como possuindo o mesmo significado, de modo que é primordial que profissionais da educação saibam diferenciar essas concepções, para que realmente entendam a criança como ela é de fato, ou seja, como um ator social capaz de transformar o meio em que está inserida. E a infância como uma construção social, que é vivenciada de modo particular e individual por cada criança.

Palavras-chave: Criança. Infância. Educação Infantil. Formação de Professores.

ABSTRACT

The present research had as main objective to analyze the conceptions of childhood and child in the vision of teachers of Infant Education of the city of Aparecida-PB. From this objective were outlined four others that gave more specificity to our work, which are: discuss the categories of childhood and child from the new social studies, to investigate teachers' conceptions about childhood and its implications in teaching practice; to understand the place of play in the means to the processes of socialization in Early Childhood Education, as well as to reflect on the importance of initial formation for a quality work in Early Childhood Education. The research emerged from the following question: what are the conceptions of children and childhood of teachers of the public network of the city of Aparecida-PB, and what does this imply in their practice in the field of Early Childhood Education? In the methodology we used the qualitative research through a semi-structured interview containing five questions-themes. The data were analyzed from the Thematic Analysis procedure. Four teachers from the municipal public network of the city of Aparecida-PB, aged between 30 and 50, participated in the study. The results of the collected data show that it is common to see the terms child and childhood to be understood as having the same meaning, so that it is paramount that educational professionals know how to differentiate these conceptions so that they truly understand the child as he really is, that is, as a social actor capable of transforming the environment in which it is inserted. And childhood as a social construction, which is experienced in a particular and individual way by each child.

Keywords: Child. Childhood. Child education. Teacher training.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A CRIANÇA E SEU DESENVOLVIMENTO A PARTIR DOS NOVOS ESTUDOS SOCIAIS DA INFÂNCIA	13
2.1 Conhecendo a Sociologia da Infância.....	13
2.2 Concepções de infância (s) e criança (s).....	17
2.3 A criança e a Educação Infantil	21
3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA	25
3.1 Caracterização do local da pesquisa	25
3.2 Caracterização dos sujeitos	26
3.3 Tipo de pesquisa, instrumento e análise dos resultados.....	27
4 CONCEPÇÕES DE CRIANÇA E INFÂNCIA NA VISÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL	30
4.1 A infância como fase do brincar	30
4.2 A Educação Infantil e a construção do sujeito plural	34
4.3 A formação inicial para o trabalho com crianças.....	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICES	50
Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	51
Apêndice B - Questionário de Caracterização	54
Apêndice C - Entrevista Semiestruturada	55

1 INTRODUÇÃO

Pensar a criança enquanto sujeito capaz de produzir cultura e como ator social do seu processo de desenvolvimento e aprendizagem, até pouco tempo não era algo que vinha a ser passível de discussão, se levarmos em consideração as concepções que se tinha de criança e infância desde muito tempo. A imagem que circulava em torno da criança era a de um ser que agia por imitação ao adulto, porém, os estudos voltados para a criança e suas infâncias vêm se desenvolvendo de modo peculiar em todo o mundo, principalmente no que diz respeito as suas novas concepções. Concepções essas que vêm ganhando respaldo através dos Novos Estudos Sociais da Infância, os quais apontam a criança enquanto ator social, e com características inerentes a essa fase da vida.

Ao fazermos uma retrospectiva sobre as concepções de infância e criança percebemos o quanto o papel desta se modificou na sociedade ao longo do tempo. A presença da criança nas instituições de ensino de Educação Infantil, a qual antes detinha o papel assistencialista passa a aliar o cuidar ao educar, bem como as próprias políticas públicas passam a assegurar os direitos das crianças, o que faz com que a criança ganhe maior visibilidade social. Por isso, ao falarmos de concepções de criança e infância não podemos esquecer o papel da Educação Infantil e da categoria docente durante os primeiros anos da vida da criança.

Pensando nisso, muitas foram às inquietações surgidas durante o curso de Pedagogia, tais qual a curiosidade de descobrir um pouco mais sobre o universo das crianças, ou mesmo por uma identificação pela Educação Infantil, o que só aumentou a partir do momento que passei a atuar como professora nessa etapa da educação básica. Outro aspecto significativo para a escolha da temática foi à indicação da minha orientadora para trabalhar na perspectiva dos Novos Estudos Sociais da Infância, o que me instigou cada vez mais a querer buscar e entender o mundo das crianças. Desse modo, a escolha do objeto de estudo foi resultado de tais anseios, bem como ciente da relevância do tema em questão, e sua importância para educação na atualidade.

A partir de tais anseios compreendemos o quanto se faz necessário entender tais novas concepções e o modo como estas vêm se destacando no cenário mundial e no âmbito da educação escolar, o que vem acarretando na existência de uma série de estudos e pesquisas na área. Dentre tais estudos podemos destacar os de Ariès (1973), Montandon (2001), Sirota (2001), Quintero (2002), Kramer (2003), Corsaro (2009), dentre tantos outros que enfocam a criança e suas infâncias na perspectiva dos Novos Estudos Sociais. Desse modo, os estudos

vêm despertando novos olhares para entendermos a criança e seus processos evolutivos desde a modernidade até a contemporaneidade.

Diante disso, surge a inquietação de respondermos ao seguinte problema de pesquisa: quais são as concepções de criança e infância de professores da rede pública da cidade de Aparecida-PB, e o que isso implica na sua prática no âmbito da Educação Infantil? Para alcançarmos um melhor entendimento definimos como objetivo geral analisar as concepções de infância e criança na visão de professores de Educação Infantil da cidade de Aparecida-PB. A partir de tal objetivo foram delineados outros quatro que deram mais especificidade ao nosso trabalho, são eles: discutir as categorias de infância e criança a partir dos novos estudos sociais; investigar as concepções de professores acerca da infância e suas implicações na prática docente; compreender o lugar do brincar em meios aos processos de socialização na Educação Infantil, bem como refletir acerca da importância da formação inicial para um trabalho de qualidade na Educação Infantil.

Para obtermos uma maior compreensão da temática proposta nesse estudo, o nosso trabalho está organizado em três capítulos: o primeiro capítulo traz uma retrospectiva de como vão se constituindo os Novos Estudos Sociais da Infância e seus movimentos na sociedade, fazendo uma abordagem com relação aos primeiros conceitos sobre criança e infância no cenário mundial. Enfocamos, ainda, as primeiras instituições responsáveis pelo cuidado das crianças no mundo e no cenário brasileiro, e todas as conquistas alcançadas até se chegar no processo educativo vigente.

No segundo capítulo apresentamos um delineamento dos procedimentos metodológicos que foram utilizados para a realização do nosso trabalho, pelo qual apontamos o problema de pesquisa e objetivos que almejamos alcançar, bem como discorrendo acerca da caracterização dos sujeitos e do local da pesquisa, e culminando nos instrumentos utilizados e os procedimentos para análise dos dados coletados.

O terceiro capítulo refere-se à análise dos dados coletados, e está subdividido em três eixos temáticos, tais quais são: a infância como fase do brincar; a Educação Infantil e a construção do sujeito plural e a formação inicial para o trabalho com crianças. Nessa parte apresentamos as informações que foram obtidas através do instrumento de pesquisa elaborado e efetivado para esta pesquisa, a partir de um constante diálogo mediante o embasamento teórico delineado neste trabalho, o que nos possibilitou a discussão de tal objeto de estudo.

O trabalho apresenta-se como uma forma de contribuir para todos que desejam estudar sobre as concepções de infância e criança, bem como aos professores de Educação Infantil e a todos os estudantes de Pedagogia ou de outras graduações que tenham afinco pela temática

aqui estudada. Acreditamos que a partir do nosso estudo outras possibilidades surgirão, ao ponto que este trabalho servirá como inspiração e base teórica para estudos futuros.

Dessa forma, pretendemos acarretar numa contribuição educativa e social significativas para entendermos o papel da criança e suas singularidades na contemporaneidade, bem como com a valorização dos seus direitos e efetividade das políticas publicas que os validam. Priorizando, assim, garantir um trabalho docente de qualidade que possibilite o desenvolvimento integral da criança e todas as suas capacidades enquanto sujeito de direitos.

2 A CRIANÇA E SEU DESENVOLVIMENTO A PARTIR DOS NOVOS ESTUDOS SOCIAIS DA INFÂNCIA

2.1 Conhecendo a Sociologia da Infância

As primeiras definições sobre a Sociologia da Infância ou Novos Estudos Sociais da Infância vão se constituindo em oposição aos vários conceitos de infância já estabelecidos ao longo dos anos. Montandon (2001) e Sirota (2001) destacam a relevância da construção de novos paradigmas sociológicos sobre a infância, apontando para o rompimento da visão Ocidental e adultocêntrica da criança. Visão esta que exprime a criança como uma tábula rasa e reprodutora da cultura dos adultos.

Em relação a esse entendimento sobre a Sociologia da Infância e seus movimentos, Abramowicz (2011) enfatiza que:

A sociologia da infância traz em seus movimentos inversões interessantes, novos/outros agenciamentos, novos pesquisadores, novas perspectiva sobre as crianças, um outro olhar, um movimento contra o adultocentrismo, contra o colonialismo, entre outros (p.24).

Esses novos conceitos sociológicos sobre infância vêm se desenvolvendo cada vez mais no cenário mundial, principalmente por focar a criança como ator social (DELGADO; MULLER, 2005). Demorou-se muito para que as Ciências Sociais e Humanas viessem a dar uma maior visibilidade as pesquisas relacionadas às crianças e suas infâncias. Foi quando em 1990 o campo da Sociologia da Infância entra em efervescência, e a partir daí a criança ganha uma visibilidade significativa no cenário mundial.

Segundo Quinteiro (2002):

Em 1990, os sociólogos da infância reuniram-se pela primeira vez no Congresso Mundial de Sociologia para debater sobre os vários aspectos que envolvem o processo de socialização da criança e a influência exercida sobre esta pelas instituições e agentes sociais com vistas à sua integração na sociedade contemporânea (p.138).

Os primeiros estudos sobre a Sociologia da Infância ocorreram na década de 1930, sendo o sociólogo Marcel Mauss um dos responsáveis pela inserção do estudo das crianças no

campo das Ciências Sociais. Depois disso, durante muito tempo as pesquisas concernentes a Sociologia da Infância foram retidas no setor acadêmico, sendo retomadas em 1960 na França e em 1962 nos Estados Unidos com a publicação do livro de Áries (1973) “*História social da infância e da família*”, acompanhada do texto “*A evolução da infância*” de De Mause (1991). Estes escritos contribuíram para uma maior disseminação e reconstrução dos estudos sociológicos voltados para as crianças e suas infâncias.

Até esse período, poucos historiadores tinham manifestado interesse em investigar sobre esse campo. Segundo Oliveira e Tebet (2010) “a constituição desse campo se efetiva por meio da compreensão de dois objetos sociológicos: a infância e a criança como ator social pleno” (p.42).

Os primeiros escritos que traziam uma relação entre criança e educação foram realizados por Émile Durkheim. Na sua perspectiva, para se educar uma criança é necessário primeiramente moralizá-la, e essa moralização parte de três princípios: o espírito de disciplina, o espírito de abnegação e a autonomia da vontade.

Durkheim (1984) acaba subvertendo esses princípios em desigualdades exorbitantes entre adultos e crianças, no qual estas passam a serem vistas como sendo inferior aos adultos. Nesse processo, a criança é entendida como um devir a ser adulto, ou seja, o ser criança era entendido, apenas, como um processo para se chegar à vida adulta, não sendo entendida, assim, como um cidadão legítimo que necessita ter todas as fases valorizadas ao longo do seu desenvolvimento.

De acordo com Abramowicz e Oliveira (2010):

[...] especialmente a Sociologia da Educação permaneceu durante um longo período presa à definição durkheimiana de imposição dos valores adultos sobre a criança, levando estas a permanecerem no silêncio, ‘mudas’, ou seja, em uma posição marginalizada e passiva diante do mundo adulto” (p.42).

Desse modo, a Sociologia da Infância surgiu como uma forma de reconstrução do pensar sobre a criança e suas infâncias. É um campo de investigação relativamente novo, que vem se firmando a partir dos anos 80, e se estabelecendo ao longo dos anos com uma grande variedade de pesquisas e estudos na área.

Como afirma Abramowicz (2011):

O movimento da sociologia da infância na Europa criou uma nova paisagem científica a partir da década de 1980 e teve um caráter renovador no campo teórico francês. [...] a sociologia da infância tomou a criança como o lugar de suas pesquisas, criou-se um campo, no qual os sociólogos e outros pesquisadores que aderiram a vertente fizeram um esforço para compreender, e, do ponto de vista que propomos, inventar a criança (p.25).

Na França, a Sociologia da Infância surge em meados das décadas de 1980 e 1990, logo após um longo período sem ser discutida. Tal reaparecimento nos debates acadêmicos foi possível a partir de estudos referentes à Sociologia da Educação. De acordo com Sirota (2001) a área de Ciências Sociais ficou muito tempo presa a visão durkeimiana, na qual a criança era entendida a partir das instituições à qual ela fazia parte - a família e a escola.

As publicações em língua inglesa, assim como na França, começaram a ganhar maior visibilidade a partir de década de 1980, após vários anos de silêncio, pelo qual surgiu, assim, uma grande leva de trabalhos voltados para o estudo das crianças.

Os primeiros trabalhos relacionados à Sociologia da Infância tanto em língua francesa, quanto na inglesa emergem em oposição à ideia que se tinha até então sobre criança, buscando romper com a ideia de criança como ser passivo em relação aos seus processos de socialização.

Como evidencia Quinteiro (2002):

É interessante observar que os primeiros elementos para uma Sociologia da Infância, tanto em língua inglesa quanto francesa, vão surgir em oposição à concepção de infância considerada como um simples objeto passivo de uma socialização orientada por instituições ou agentes sociais (p.139).

No Brasil os estudos relacionados a Sociologia da Infância ainda é um campo em consolidação, entre os principais estudiosos sobre a perspectiva no País podemos destacar Delgado e Muller (2005); Abramowicz (2010); Kramer (2003); Quintero (2002), os quais trazem contribuições de grande relevância para o entendimento de como vêm ocorrendo o processo evolutivo da criança, pautando-se nesses novos paradigmas sobre criança e infância. Atualmente existe uma quantidade significativa de trabalhos no que concerne a Sociologia da Infância no Brasil, que buscam difundir esses novos estudos.

Fazendo um breve histórico sobre como ocorreu a implementação desses novos estudos sociais no país, podemos destacar, também, de acordo com alguns estudiosos (QUINTEIRO, 2002; ABRAMOWICZ, 2010; FARIA; FINCO, 2011) que um dos primeiros

estudos sobre Sociologia da Infância iniciaram-se em meados da década de 40 a partir de estudos realizados por Florestan Fernandes, que só vieram a ser publicados em 1960, com a obra intitulada de As “trocinhas” do Bom Retiro. Nessa obra, Florestan Fernandes trata do folclore infantil brasileiro, em relação ao modo de como ocorrem as culturas e se desenvolvem os grupos infantis. Para isso, ele parte da observação das crianças em alguns bairros paulistanos, mais especificamente a como elas se comportam diante dos brinquedos e das brincadeiras, e dessa maneira produzem cultura.

Depois de algum tempo estagnados, os estudos sociológicos voltados para a criança são retomados no país, e a partir de então surgem várias pesquisas na área, de modo a fazer com que a criança passe a ganhar maior visibilidade.

De acordo com Quinteiro (2002):

Mesmo sem dispor de trabalhos do tipo “balanço da produção”, tão comum entre os europeus, é possível afirmar que, nas duas últimas décadas, os estudos sobre a infância no Brasil parecem ter ampliado o seu campo de pesquisa e adquirido um certo estatuto teórico-metodológico. Neste período, os estudos sobre a infância como uma questão pública e não apenas privada começam a pipocar na produção acadêmica brasileira. O longo levantamento realizado na busca de compreender a evolução do objeto e construir um outro olhar sobre a infância mediante produção bibliográfica e cultural existente permitiu, por um lado, constatar o crescente interesse por estudos sobre a infância no campo das Ciências Sociais e Humanas e, por outro lado, vislumbrar as suas múltiplas dimensões. (p.140)

Esse novo campo de estudos visa desconstruir a ideia que se tinha de criança até então, como aquele ser passivo, subordinado aos adultos, e em constante processo de maturação.

Segundo Marchi (2009):

Os chamados novos estudos sociais da infância propõem a desconstrução da obviedade e legitimidade presentes no paradigma tradicional da infância como fase “natural e universal” da vida e das crianças como objetos passivos de socialização numa ordem social adulta. Nesse sentido, o princípio da criança-ator incita a se passar da visão determinista que coloca a ênfase nos fatores estruturais que pesam sobre ação social para a análise da capacidade de ação (*agency*) da criança, enquanto que o princípio da construção social da infância questiona a ideia desta como categoria definida simplesmente pela biologia e passa a entender seu significado como variável do ponto de vista histórico, cultural e social e sempre sujeito a um processo de negociação tanto na esfera pública quanto na privada (p. 228).

A Sociologia da Infância desponta quando questiona todas as concepções de infância existentes, nas quais a infância é percebida, apenas, como um ciclo natural para se chegar a vida adulta. Segundo os postulados de tal perspectiva, a criança é entendida como um ser social e sujeito ativo do seu processo de socialização, configurando-se, assim, como sendo um ser capaz de produzir cultura e não de apenas reproduzir uma cultura adultocêntrica. Como destaca Oliveira e Tebet (2010) “a criança inflete o mundo social que ela vive de maneira singular, pois elas produzem ‘culturas infantis’ que são constituídas a partir de um movimento de produção e reprodução da cultura” (p.41).

Com relação a esse entendimento Corsaro (2009) aponta em seus estudos que as crianças são seres capazes de produzir cultura, de modo que desmistifica a imagem que tínhamos da criança até então – a chamada cultura de pares. Para o autor,

[...] as crianças apreendem criativamente informações do mundo adulto para produzir suas culturas próprias e singulares”. partindo desse entendimento, fica perceptível que as crianças absorvem as informações do mundo dos adultos, para a partir de então formularem suas interpretações, sua cultura (CORSARO, 2009, p.31).

Corsaro (2009) define cultura de pares como sendo “um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares” (p.32). Desse modo, a criança é capaz de produzir suas próprias culturas, estas criadas a partir de suas vivências com o mundo social dos adultos, de modo que o ato de se relacionar com seus pares possibilita essa ação. O autor ao falar dessa produção cultural desenvolvida pela criança, também nos apresenta a ideia de reprodução interpretativa, na qual ao mesmo tempo em que a criança absorve a cultura existente, similarmente ela é considerada como um ser capaz de produzir cultura.

2.2 Concepções de infância (s) e criança (s)

É importante ressaltarmos que as concepções de criança e infância não possuem os mesmos significados, o que evidenciaremos no desenrolar do trabalho.

A noção de infância como conhecemos hoje nem sempre existiu, é algo relativamente novo, que vai se transformando de acordo com a evolução e modificações ocorridas nas sociedades e ligadas diretamente a mudanças de cunho político e econômico. De acordo com

Kramer (2003, p.19) “esse conceito de infância é, pois, determinado historicamente pela modificação das formas de organização da sociedade”.

As concepções de infância ao longo dos últimos anos vêm se constituindo como um campo de grande relevância para compreendermos, de fato, a importância do papel da criança na sociedade que ela está inserida, principalmente de como ela é entendida na perspectiva dos Novos Estudos Sociais da Infância.

As pesquisas nessa área buscam uma compreensão da criança na sua totalidade, de maneira integral, ressaltando o protagonismo da criança enquanto ator social.

De acordo com Oliveira e Tebet (2010)

Os estudos com crianças que vêm se desenvolvendo na perspectiva da Sociologia da Infância procuram construir uma ideia de criança e de infância de maneira positiva, valorizando suas singularidades, linguagens, culturas e estéticas. O que se busca com os estudos realizados a partir dessa perspectiva é justamente colocar a criança como protagonista. Dar-lhes ouvidos. Prestar atenção àquilo que ela tem a nos dizer, seja por meio das palavras, choro, gestos, ou de tantas outras formas que uma criança possa encontrar para comunicar algo (p.44).

As noções de criança como entendemos hoje nem sempre existiram, pois não havia um sentimento de infância. A criança desde muito cedo era inserida no mundo dos adultos, ao ponto que várias obras relatam sua existência como um adulto em miniatura. Não existindo, assim, um conceito formulado sobre o que é ser criança, essa etapa da vida da criança era entendida, apenas, como uma fase para se chegar a vida adulta.

Os estudos de Ariès (1973) fazem um paralelo de como ocorreram às transformações do sentimento de infância ao longo dos anos, como, por exemplo, na sua obra intitulada “*História Social da Infância e da Família*”. Em seus estudos o autor afirma que o sentimento de infância da forma que conhecemos atualmente nem sempre existiu, sendo um sentimento que surgiu com a modernidade.

De acordo com Ariès (1973) até a Idade Média não havia uma separação entre adultos e crianças, pois, a partir do momento que a criança começava a se desenvolver fisicamente ela já era inserida no mundo dos adultos, ao ponto que não vivenciavam todas as fases do seu processo evolutivo de criança pequena até chegar a vida adulta.

Ainda segundo Ariès (1973) o que existia nos primeiros anos de vida da criança era um sentimento de “paparicação”, que logo era deixado de lado ao passo que a criança se desenvolvia. Quando a criança conseguia sobreviver à fase da primeira infância –, isso devido

as péssimas condições sanitárias e de higiene, pois nessa época os índices de mortalidade infantil eram alarmantes, - elas eram entregues a outras famílias para ajudarem nos afazeres domésticos, e a partir de então não havia mais distinção entre crianças e adultos. Para Kramer (2003) “Era extremamente alto o índice de mortalidade infantil que atingia as populações e, por isso, a morte das crianças era considerada normal. Quando sobreviviam, ela entrava diretamente no mundo dos adultos” (p.17).

Esse sentimento de infância começa a mudar a partir do século XVII, no qual a família passa a se preocupar um pouco mais com as singularidades das crianças. Nas famílias mais abastadas, na classe burguesa e nobre, as crianças começam a receber escolarização e os pais passam dar mais atenção e a se preocuparem com o bem estar destas. Desse modo, a família passa a ter uma nova função na vida das crianças, que segundo Kramer (2003) “não é a família que é nova, mas, sim, o sentimento de família que surge nos séculos XVI e XVII, inseparável do sentimento de infância” (p.18). O sentimento que surge nesse período torna a criança cada vez mais próxima das suas famílias, pois, na medida em que a sociedade vai se transformando as famílias assumem um novo papel diante da criança, passando a arcar com o cuidado e as responsabilidades que antes eram destinadas a comunidade, e aos poucos vão se tornando uma instituição cada vez mais privada.

Com a revolução industrial e a urbanização das cidades ocorridas entre os séculos XVIII e XIX, a criança ganha uma nova configuração, na qual as famílias elitizadas já enxergam as crianças de outro modo, ou seja, o ser que antes era visto como um adulto em miniatura, agora passa a ser entendido como alguém que requer de cuidados e que necessita ter um futuro garantido, ao ponto que as famílias começam gradativamente a se preocuparem com a educação das crianças. Os índices de mortalidade nesse período começam a diminuir de maneira significativa, na medida em que aumentam a preocupação com os hábitos de higiene e sanitários.

De acordo com Kramer (2003):

A idéia de infância, como se pode concluir, não existiu sempre, e nem da mesma maneira. ao contrário, ela aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel social da criança na comunidade. Se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto (“de adulto”) assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. (p. 19)

A partir de então a criança passa a ser vista com outros olhos, de modo que vai sendo preparada pelas famílias para a vida adulta, ao ponto que a educação, de certo modo, surge como uma forma de aproximar as crianças de suas famílias, na medida em que exige uma maior atenção para com as crianças. Nesse momento há uma separação entre adultos e crianças, e o que antes era aprendido no convívio entre ambos passa a ser ensinado pela escola.

Como evidencia Ariès (1973):

Essa afeição se exprimiu sobretudo através da importância que se passou a atribuir a educação. Não se tratava mais apenas de estabelecer os filhos em função dos bens e da honra. Tratava-se de um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos de seus filhos e os acompanhavam com uma solicitude habitual nos séculos XIX e XX, mas outrora desconhecida. (p.05)

Esse breve histórico nos mostra as transformações ocorridas ao longo dos séculos sobre as concepções de criança e infância que vão se transformando de acordo com as mudanças advindas na sociedade.

É perceptível, desse modo, que a visão que temos atualmente de criança foi se constituindo aos poucos de forma gradativa, em que as crianças foram ganhando representatividade dentro da sociedade. A ideia de infância é algo que vai se consolidando de acordo com os novos estudos voltados para a criança, de modo que a noção de criança como ser homogêneo e visto de forma passiva vai ficando perpassada. A criança ganha visibilidade, ao tentarmos romper com a ideia de uma criança universal e idealizada nos padrões da sociedade burguesa, entretanto, é evidente que a noção de infância atualmente ainda possui resquícios do seu conceito original. Kramer (2003) destaca que “o sentimento de infância resulta, pois, numa dupla atitude com relação a criança: preservá-la da corrupção do meio, mantendo sua inocência, e fortalecê-la, desenvolvendo seu caráter e sua razão”. (p.18)

Diante do exposto até o presente momento, podemos afirmar que criança e infância são terminologias diferentes, na medida em que Moruzzi e Tebet (2010) definem “crianças pequenas como aquelas que possuem de 0 a 6 anos e as infâncias como construções culturais, sociais, econômicas, que variam de acordo conforme a história e a geografia”.

É a partir da década de 90, com o alavancamento desses estudos que o termo infância passa a ser usado no plural. E a criança e suas infâncias passam a serem levadas em consideração em seus vários aspectos.

Kramer (1999) defende a ideia da criança cidadã e capaz de produzir cultura, pela qual possui um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, ou seja, subvertendo a dinâmica social existente até então. É necessário enxergar a criança como ela é, e não apenas como um ser em processo de maturação biológica, ou mesmo como um devir a ser adulto. Devemos considerar todos os aspectos que concebem a criança como ser ativo no processo social e educativo.

2.3 A criança e a Educação Infantil

Com o advento da modernidade e o novo entendimento que se passou a ter com relação à criança nesse período, bem como o surgimento de novas concepções, a criança passa a ser vista como um ser de direitos. Como foi visto anteriormente, o caminho traçado até esse entendimento foi longo e árduo, pois, o ser que antes participava de forma direta do mundo dos adultos, foi aos poucos ganhando seu espaço. E de forma progressiva os estigmas que circulavam em torno da infância foram sendo deixados de lado.

As primeiras instituições responsáveis pelo cuidado da criança surgiram em torno do século XVIII, visto que com a Revolução Industrial a mulher vai gradativamente se inserindo no mercado de trabalho, havendo a necessidade de deixar a criança sob os cuidados de alguém. De primeiro momento essas instituições responsáveis pelo atendimento da criança eram de cunho assistencialista, de modo que só algum tempo depois, devido a vários debates, foram surgindo outras concepções relacionadas a essas instituições, no qual percebeu-se que as crianças necessitavam de mais do que cuidados e higienização, sendo primordial a inserção da educação nesses estabelecimentos. Desse modo, surge a Educação Infantil aliando o cuidar e o educar. A educação nesse período passa a ser entendida como primordial para o desenvolvimento da sociedade.

Falar de criança está intrinsecamente ligado às instituições de ensino, visto que essas instituições lidam diretamente com as crianças e seus processos de construção enquanto ser social. Entretanto, fica perceptível que a criança passa a ter seus direitos legalmente assegurados, mas no que se refere ao campo social há ainda um longo caminho a ser percorrido.

Moruzzi e Tebet (2010) apontam que:

As instituições de educação infantil colaboram para a formação de uma concepção sobre a infância. Elas atuam sobre a criança no sentido de construir a infância pactuada pelas sociedades em seus contextos de tempo e espaço. Colaboram ainda para a difusão de uma determinada compreensão sobre as crianças. Em outras palavras, as escolas de educação infantil “institucionalizam” a criança na direção da infância orientando toda uma sociedade sob a concepção adotada. (p.22)

A educação da criança pequena foi sendo delineada de acordo com as vivências sociais concretas, o que acarretou na criação de leis e políticas públicas que foram sendo criadas de acordo com as demandas das sociedades, e que vigoram até a atualidade, sem levar em consideração o momento histórico para o qual estas foram construídas - e muitas já estão perpassadas para o momento atual.

No Brasil o primeiro ambiente institucionalizado para o atendimento da criança era denominado de “Roda dos Expostos”, pelo qual essas instituições acolhiam crianças abandonadas, recebendo essa denominação por se tratar de um dispositivo no qual a criança era colocada dentro de uma caixa, girava-se a 180° graus, tocava-se a campainha e a criança era recebida por um funcionário da instituição. Havendo total preservação das identidades, esse atendimento vigorou no país durante os anos de 1726 até 1950.

De acordo com o que foi estudado, a primeira instituição de Educação Infantil criada no Brasil surgiu no ano de 1875, de modo que devido a necessidade e a crescente demanda foram criados os primeiros jardins de infância, e logo depois as creches, pelo qual tais instituições tinham caráter assistencialista e moralizador.

Durante todo esse percurso traçado até a modernidade, várias foram às conquistas alcançadas no cenário brasileiro, relacionadas à educação das crianças pequenas. O primeiro passo surgiu com a Constituição Federal de 1988, que assegura o direito das crianças a creches e pré-escolas, garantindo ainda que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família. A educação que antes era um direito das mães que trabalhavam, a partir da Constituição passa ser direito da criança, ao ponto que tais conquistas só foram possíveis devido a vários movimentos sociais da década de 70 e 80, a exemplo do movimento das mulheres e o movimento em prol da criança.

Moruzzi e Tebet (2010) apontam que,

A constituição de 1988 incorpora parte das reivindicações dos movimentos populares (Movimento Negro e Movimento das mulheres) de forma a coordenar práticas racistas e reconhecer a educação infantil como uma extensão do direito universal da educação. Foi a primeira vez na história do

Brasil que se fez referências legais aos direitos legais aos direitos das crianças, estabelecendo formas concretas de garantir seu amparo e sua educação. (p.29)

Subsequente a Constituição Federal de 1988, nos anos de 1990 foi instaurado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei 8.069 reafirmando que a educação fica sob a responsabilidade do Estado e das famílias e que todos, sem exceção, têm direito a esta.

Todos esses movimentos sociais supracitados foram de fundamental importância para a elaboração de várias outras leis, a exemplo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que sanciona a Educação Infantil como sendo a primeira fase da Educação Básica, e que se inicia aos 0 anos de idade, estendendo-se até os 5 anos e onze meses. O atendimento nessa primeira etapa da educação fica sob a responsabilidade das creches e pré-escolas. É de responsabilidade das creches o atendimento das crianças de até 3 anos e a pré-escola para crianças com até 05 anos e onze meses de idade. Essa determinação corroborou de modo primordial para o desenvolvimento e modificações ocorridas na educação. Desse modo, a Educação Infantil ofertada anteriormente de maneira assistencialista passa a ser educacional, privilegiando o desenvolvimento da criança de forma integral.

A LDB dentre outras coisas, também, regulamenta que o profissional para trabalhar nessa área deve possuir formação de nível superior em cursos de Pedagogia ou formação mínima em cursos Superiores modalidade Normal, enfatizando, ainda, a formação continuada desses profissionais. É perceptível que as leis foram criadas com intuito de melhorar as condições para o trabalho direto com a criança, sendo de responsabilidade das instituições se adequarem a tais regulamentações.

É durante essa etapa da educação que a criança se depara diretamente com o processo de aprendizagem, sendo de grande relevância para as fases subsequentes do ensino. A Educação Infantil é essencial para a formação da criança enquanto ser social, pois, a ideia de Educação Infantil é uma construção histórica e social, sendo, portanto, impossível conhecê-la apenas pelos critérios legais que a envolvem (KRAMER; NUNES; CORSINO, 2011, p. 72). É de incumbência das instituições de educação infantil promover uma educação que vise o desenvolvimento das especificidades das crianças em todos os seus aspectos.

Contudo, com todos esses avanços ocorridos desde os primórdios da educação até a atualidade, ainda temos um longo caminho a ser delineado. A educação das crianças não é um trabalho fácil, visto que esse período deve propiciar experiências enriquecedoras para o desenvolvimento da criança.

A Educação Infantil como já vimos até esse momento é um direito de todas as crianças, de modo que para isso são necessários profissionais qualificados para o trabalho. É essencial que essa fase do ensino priorize o respeito e a valorização das diferenças, buscando o reconhecimento de uma educação que privilegie a diversidade.

3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA

É comum acreditarmos que os conceitos de infância e criança são os mesmos, na medida em que no decorrer dos anos surgiram várias definições sobre esses termos. Após algumas reflexões e estudos durante o curso de pedagogia, percebemos a relevância de compreendermos a criança e suas singularidades, de modo a principalmente entendermos a criança como protagonista e ator social no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. Diante do exposto tivemos o intuito de responder o seguinte problema de pesquisa: quais são as concepções de criança e infância de professores da rede pública da cidade de Aparecida-PB, e o que isso implica na sua prática no âmbito da Educação Infantil?

Sabendo disso, tivemos o objetivo geral de analisar as concepções de infância e criança na visão de professores de Educação Infantil da cidade de Aparecida-PB e os objetivos específicos de discutir as categorias de infância e criança a partir dos novos estudos sociais; investigar as concepções de professores acerca da infância e suas implicações na prática docente; compreender o lugar do brincar em meios aos processos de socialização na Educação Infantil, bem como refletir acerca da importância da formação inicial para um trabalho de qualidade na Educação Infantil.

3.1 Caracterização do local da pesquisa

O trabalho foi realizado com quatro professoras da rede pública municipal da cidade de Aparecida-PB, ao ponto que a sede do município conta com a presença de três (03) escolas municipais e uma creche (01). Todas¹ essas instituições ofertam a Educação Infantil e o ensino básico de nove anos, com exceção da creche que oferece, apenas, a Educação Infantil em sua grade curricular.

A Creche² é uma instituição pública municipal que fica situada na cidade de Aparecida/PB. A instituição oferta a modalidade de Educação Infantil, contemplando alunos de 0 a 5 anos, sendo divididos em turmas (baseando-se na idade) e tendo por nomenclaturas: maternal, Pré-escola I e Pré-escola II. O atendimento acontece de forma integral e por meio período distribuídos da seguinte maneira: integral (7:00 – 17:00hs) com idade entre 02 e 03

¹ Que foram denominadas de **Creche** e escolas **A e B** respectivamente.

² Tais informações em relação às instituições campo de pesquisa foram possíveis por meio da observação e conversas informais com seus respectivos gestores.

anos e na Pré-escola I e Pré- escola II, meio período (7:00 – 11:00hs/13:00 – 17:00hs) com alunos na faixa etária de 04 e 05 anos.

A escola “A”, conta ao todo com dezenove professores, sendo uma professora da Educação Infantil, sete do Fundamental I e onze do Fundamental II. Possuindo estes profissionais formação em diversas áreas. O Ensino Fundamental I e a Educação Infantil funcionam no turno da manhã com alunos na faixa etária entre 04 á 16 anos. O Ensino Fundamental II funciona no período da tarde com alunos na faixa etária entre 10 á 17 anos. E na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA, funcionando no turno da noite, com alunos na faixa etária entre 16 á 83 anos.

A escola “B” contempla as seguintes áreas de ensino: Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Anos Finais do Ensino Fundamental, bem como a Educação de Jovens e Adultos. A referida escola conta com a presença de 32 funcionários, distribuídos entre: gestor, professores, auxiliares de serviços gerais, merendeiras e vigilantes. A sua estrutura física é composta por: sala de diretoria, laboratório de informática, cozinha, banheiros adequados a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida e auditório.

3.2 Caracterização dos sujeitos

Participaram da respectiva pesquisa quatro professoras da rede pública municipal da cidade de Aparecida-PB. A primeira participante é Aurora³, atua como professora na Creche, tem 51 anos, casada, graduada em Pedagogia e possui especialização em psicopedagogia clínica, já atuando na profissão docente há 20 anos, de modo que como professora sempre lecionou em turmas de Educação Infantil e 1º ano do Ensino Fundamental.

A segunda participante da pesquisa, Sophia, tem 37 anos, concluiu o magistério em 1999, pedagoga, trabalha na área há 15 anos, e lecionou em turmas de 2º ano, 3º ano do Ensino Fundamental. Atualmente trabalha como professora de Educação Infantil na escola “B”. Antes de trabalhar como professora já atuou como vendedora.

Nossa terceira participante, Luna, tem 33 anos, concluiu em 2008 a graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), professora efetiva do município, leciona na escola “A”, e atua no turno matutino como professora de Educação Infantil e no turno vespertino como professora do Ensino Fundamental I.

³ Foram criados nomes fictícios como forma de assegurar o anonimato das participantes da pesquisa.

A quarta participante, Elza, é casada, tem 37 anos, concluiu o curso superior em Pedagogia no ano de 2013, e atua como docente há 03 anos. Luna já trabalhou com turmas de maternal I e II, foi professora de EJA e agente administrativo, sendo que atualmente é professora efetiva do município de Aparecida, lecionando na turma de maternal II na Creche municipal.

Vale ressaltar que a coleta dos dados apresentados deu-se através de um questionário de caracterização⁴ aplicado com as participantes da pesquisa.

3.3 Tipo de pesquisa, instrumento e análise dos resultados

O presente estudo tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, o que nos possibilitou um maior envolvimento e contato direto com os envolvidos nesse processo, de modo que os entrevistados ficam mais desprendidos para posicionar-se diante do objeto a ser estudado. Esse tipo de pesquisa busca analisar o objeto de modo subjetivo, e dessa forma as respostas são de acordo com a percepção individual do sujeito.

A pesquisa qualitativa se difere da quantitativa justamente por não se basear em números, sendo assim, cabe ao pesquisador coletar as informações e analisá-las da melhor maneira possível.

Oliveira (2008) aponta que:

São muitas as interpretações que se tem dado a expressão pesquisa qualitativa e atualmente se dá preferência à expressão abordagem⁴ qualitativa. Entre os mais diversos significados, conceituamos abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação (p.37).

Com essa compreensão priorizamos essa abordagem, por acreditarmos que seus métodos vão de encontro com os resultados que esperamos alcançar ao término da realização trabalho.

De primeiro momento realizamos uma visita aos locais de trabalho de cada profissional a ser pesquisado, para sabermos de sua disponibilidade e interesse em participar do nosso estudo. Nesse primeiro contato, também frisamos a importância de sua colaboração

⁴ Apêndice B.

para a concretização da pesquisa, apresentando em linhas gerais a temática, os objetivos que pretendíamos alcançar e o modo de realização da coleta de dados, ou seja, possibilitando que esses tivessem uma base no momento de responder a entrevista. Sendo assim:

Nesse primeiro momento o entrevistador se apresentará ao entrevistado, fornecendo-lhe dados sobre sua própria pessoa, sua instituição de origem e qual o tema de sua pesquisa. Deverá ser solicitada sua permissão para a gravação da entrevista e assegurado seu direito não só ao anonimato, acesso às gravações e análises, como ainda ser aberta a possibilidade de ele também fazer as perguntas que desejar (SZYMANSKI; ALMEIDA, 2010, p.19).

Depois desse primeiro contato voltamos às escolas e a Creche, nas quais aplicamos um questionário de caracterização, em seguida fazendo uso de uma entrevista semiestruturada⁵ contendo cinco questões-temas. Nesse processo, os sujeitos participantes tiveram total desprendimento e interação para conosco, tornando esse momento enriquecedor e relevante diante dos objetivos almejados.

Ao considerarmos o caráter de interação social da entrevista, passamos a vê-la submetida às condições comuns de toda interação face a face, na qual a natureza das relações entre entrevistador/entrevistado influencia tanto o seu curso como o tipo de informação que aparece (SZYMANSKI; ALMEIDA, 2010, p. 11).

É relevante enfatizar que durante a realização das entrevistas as participantes dispuseram completamente da oportunidade para intervir sobre possíveis dúvidas ou algo a ser acrescido diante do objeto de estudo. Vale lembrar que antes da aplicação das entrevistas, cada participante assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁶, assegurando total confidencialidade das suas identidades. Logo após as gravações das entrevistas os dados coletados foram transcritos para serem analisados de acordo com os critérios da análise temática.

Por se tratar de uma pesquisa do tipo qualitativa optamos por fazer uso da análise de conteúdo do tipo temática, método esse que parte da interpretação dos dados coletados, através da descrição de temas.

⁵ Apêndice C.

⁶ Apêndice A.

A análise temática trabalha com a noção de tema, o qual está ligado a uma afirmação a respeito de determinado assunto; comporta um feixe de relações e pode ser graficamente representada por meio de uma palavra, frase ou resumo (GERHARD; RAMOS; RIQUINHO; SANTOS, 2009, p, 84).

Após a aplicação das entrevistas foram feitas as transcrições das gravações realizadas junto as participantes, como forma de dar uma maior fidedignidade aos dados coletados na pesquisa. Desse modo, após as transcrições foram realizadas leituras dos dados possibilitados através da entrevista, como uma forma de identificar e elaborar as categorias de análise que deram resultado ao próximo capítulo deste trabalho.

Essa etapa é de grande relevância para o desenvolvimento de todo o trabalho, visto que se deve levar em consideração o entendimento do sujeito com relação ao objeto de estudo, que é o objetivo principal do nosso trabalho. Desse modo, o pesquisador tem que manter certo distanciamento entre a sua compreensão acerca do seu objeto e privilegiar a compreensão do sujeito pesquisado.

4 CONCEPÇÕES DE CRIANÇA E INFÂNCIA NA VISÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Os novos estudos sociais da infância vêm se ampliando cada vez mais no cenário mundial, principalmente por focar a criança como ator social e sujeito ativo dentro do processo de socialização. Nessa perspectiva, a criança é produtora de sua própria cultura, construindo seu próprio conhecimento, e, desse modo, deixando de ser vista como um ser incapaz, mas sim como sujeito ativo mediante seu processo de socialização.

A Sociologia da Infância desconstrói os estereótipos que circulam em torno da infância e da criança, e nos apresenta um ser partícipe da sociedade. Essa nova abordagem é de grande relevância para entendermos de fato como ocorreram os processos de desvelamento dessa nova categorial social, principalmente por assegurar, ainda mais, todos os direitos que são próprios das crianças.

A pesquisa aqui constituída é de natureza qualitativa e teve o objetivo de analisar as concepções de infância e criança na visão de professores de Educação Infantil da cidade de Aparecida-PB. Para composição da pesquisa fizemos uso da aplicação de uma entrevista semiestruturada, composta por cinco questões-temas, que foram analisadas a seguir. Com a aplicação da entrevista foi possível coletar uma série de informações que serão fundamentais para discutirmos a temática aqui proposta. Através desse instrumento foi possível compreendermos as concepções das professoras acerca das crianças e de suas infâncias.

4.1 A infância como fase do brincar

As brincadeiras durante a infância apresentam-se como parte fundamental, visto que possibilitam as vivências de novas experiências, acarretando na criação de novas culturas infantis. Diante do exposto, em um primeiro questionamento, perguntamos as professoras o seu entendimento acerca do que é ser criança. A primeira entrevistada nos relatou que:

Assim no meu ver, né, eu acho assim, no meu ver, a criança ela tem o direito de brincar, também de socializar com outras crianças. Ter, ser livre, ter o direito de escolha, aquilo, eu quero isso e a mamãe sempre tá de acordo, nem tudo, mas também tem coisa que a criança deve escolher o que ele realmente quer, que ele gosta, eu acho, opinião minha (AURORA).

Dessa forma, podemos perceber em sua fala que a entrevistada evidencia a importância do brincar diante dos processos de socialização com seus pares, e o quanto é relevante os pais levarem em consideração os desejos das crianças, estando atentos ao que a criança anseia. Sendo assim, a professora entende a criança como um ser que têm direitos.

Uma das entrevistadas, Elza, nos responde que “ser criança pra mim é ser feliz, é ter liberdade de brincar”.

Fica perceptível na fala das professoras a importância da criança interagir com o meio no qual ela está inserida, principalmente no que diz respeito a sua interação com seus pares, o que possibilita a criação de novas experiências, e uma ressignificação de suas vivências. O brincar nos é apresentado como uma forma da criança dar sentido às coisas, como um modo de entender o mundo que a cerca. Nesse sentido,

O brincar apresenta-se como atividade indispensável e integrante do dia a dia dos contextos educativos da educação infantil. É uma dimensão do humano e que muito se faz presente quando se é criança. Podemos dizer, então, que, por meio das brincadeiras, as crianças alicerçam suas fantasias, suas emoções, seus encantamentos, suas descobertas, compreendem o meio social, desenvolvem habilidades, conhecimentos e criatividade, dando ênfase a sua imaginação, revelando o brincar como elemento essencial e peculiarmente formado nas rotinas do brincar das crianças (FILHO, 2010, p.92).

A professora, Sophia, entende o ser criança como uma magia. Para ela ser criança “é ter um mundo mágico ao redor, é viver imaginando nas mais belas coisas que a vida lhe proporciona. Ser criança é ter no mais simples ardor da vida a simplicidade do amor”. Percebemos na fala da professora que o entendimento sobre a criança ainda carrega consigo uma perspectiva romantizada.

Luna, nossa quarta entrevistada, nos responde que “ser criança é poder desfrutar de todas as fases da infância como um ser social, tendo seus direitos respeitados e garantidos.” A professora entende que ser criança é poder vivenciar uma infância na qual elas possam ter seus direitos assegurados, como ser social que de fato a criança é. A esse respeito Kramer (1999) aponta que,

As crianças são seres sociais, têm uma história, pertencem a uma classe social, estabelecem relações segundo seu contexto de origem, têm uma linguagem, ocupam um espaço geográfico e são valorizadas de acordo com os padrões do seu contexto familiar e com a sua própria inserção nesse

contexto. Elas são pessoas, enraizadas num todo social que as envolve e que nelas imprime padrões de autoridade, linguagem, costumes (p.01).

Até esse momento podemos destacar a importância que as professoras destacam sobre o que é ser criança e o quanto essa fase da vida é importante para o desenvolvimento do ser, e o quanto o brincar é significativo durante esse processo.

Ao questionarmos as professoras se ser criança significa ter infância, obtivemos uma variação entre as respostas, Aurora nos responde que:

Não. Eu tiro por mim, eu fui criança mas eu não tive infância, que nem hoje as crianças tem, hoje a criança tem tudo, eu naquele tempo eu não tinha, eu não tinha direito de brincar, só brincava assim no mato, que tinha aquelas brincadeiras da minha época, que hoje as pessoas tem tudo, se disser assim, mãe eu quero isso, a mãe compra, eu não tinha, nunca tive isso, a minha brincadeira foi só brincadeira de boneca, pegava o sabugo ia brincar, fazer as casinhas, os pés de planta, que tirava, tinha um meu Deus, que formava umas galinhas, ajuntava pé de pereiro, fazia que era as galinhas, pegava os caquinhos de *vrido*, a minha infância eu tiro por isso, nem sempre ser criança é ter uma infância, fui criança mas a infância que os meninos vive hoje? Chega nem perto, eu acho que não, nem sempre ser criança significa ter infância, as vezes é criança mais não tem aquela infância, nem sempre tem, tem umas que tem, mais outras não tem não, pode dizer assim, ai como eu fui feliz na época que eu era criança, sim ajudava mais em casa, né! E hoje os meninos não fazem nada.

Aurora nos relata que nem sempre ser criança significa ter infância, e principalmente em sua época, na qual as crianças tinham afazeres domésticos, e só depois poderiam ter um momento para brincar, fazendo isso com os objetos que achavam ao seu redor ou mesmo na própria natureza. Com relação a isso Oliveira e Tebet (2010) destacam que “o objeto utilizado na brincadeira não perde suas características, mas é transformado e ressignificado pelo imaginário infantil” (p.50), de modo que a criança tem a percepção de transformar o mais simples objeto em um brinquedo cheio de significados. Ela destaca ainda a diferença do que era ser criança no seu tempo e o que é ser criança na contemporaneidade.

Na sua fala percebemos que ela associa os brinquedos e as brincadeiras como fator preponderante para se ter infância, nos afirmando que foi criança, porém não teve infância, diferentemente da maioria das crianças na atualidade, que tem a sua disposição uma infinidade de opções de brinquedos e brincadeiras, sem ter a responsabilidade de ajudar nos afazeres domésticos. Aurora enfatiza a relevância de ser criança e de ter infância, e que uma coisa difere da outra. Sendo assim, podemos compreender a infância como uma categoria que

é construída socialmente e culturalmente em contextos específicos, e criança como os atores sociais que integram essa categoria (OLIVEIRA; TEBET, 2010, p. 48).

Luna, uma das entrevistadas, nos responde que ser criança e ter infância não são a mesma coisa, de modo que para ela “só se tem uma infância digna se a criança tem seus direitos respeitados e valorizados como um ser social”. Ver a criança como um ser social é compreendê-la como alguém capaz de produzir cultura, e não apenas de reproduzir. É entender a criança como agente transformador do meio no qual ela está inserida e tendo a garantia de seus direitos respeitados.

Para Kramer (1986):

[...] é necessário, portanto, compreender que a criança é um ser social, uma pessoa, “um cidadão de pouca idade”, enraizada num todo social que a envolve e nela imprime padrões (de autoridade, de linguagem, e outros aspectos sociais) diferente do modelo de criança que existe nos manuais (p. 79).

Sophia, quando indagada acerca dessa questão, nos responde da seguinte forma: “Sim. Na beleza da vida não imagino a vida de uma criança sem infância, na minha vida como professora busco dar a melhor contribuição na formação de uma infância a minhas crianças dentro da escola alertando-as para uma infância sem barreiras”.

Elza, outra entrevistada, nos responde que: “Sim. Pra mim ser criança é ter infância por que quem tem infância brinca, imagina, tem fantasias e através dessa situações se constrói uma identidade, né? O que torna um adulto crítico, mediante as situações vivenciadas no seu dia a dia”.

Percebemos aqui uma semelhança entre as respostas das professoras, de modo que ambas afirmam que ser criança significa ter infância. Em consonância com tudo que foi estudado até esse momento podemos evidenciar que muitas pessoas acreditam que ser criança e ter infância possuem o mesmo significado. Contudo, sabemos que nem sempre a criança tem o direito de viver sua infância, como de fato era pra ser. A infância como citada pelas professoras como sendo uma fase na qual as crianças brincam, imaginam, fantasiam, nem sempre pode ser vivenciada por todas as crianças. Desse modo, podemos compreender que a infância não é algo generalizado, sendo então, a infância compreendida como uma construção social, o que se caracteriza na multiplicidade de várias infâncias.

É comum os termos criança e infância serem vinculados, entretanto possuem significados totalmente diferentes. A infância é uma etapa primordial para o desenvolvimento

da criança, e durante esse período os educadores possuem grande relevância para o desenvolvimento de novas aprendizagens, visto que atua como um mediador entre as crianças e a sociedade. Diante disso, entender e saber diferenciar o que é ser criança e o que é ter infância é um fator preponderante para atender as especificidades das crianças nessa fase.

4.2 A Educação Infantil e a construção do sujeito plural

A Educação Infantil passou por um longo período de transformações no decorrer do tempo, as quais ocorridas devido às novas exigências sociais e econômicas da vigente sociedade. Se de primeiro momento a Educação Infantil tinha um cunho meramente assistencialista, atualmente ela desempenha um papel crucial para o desenvolvimento integral da criança, buscando atender todas as suas especificidades. Com esse novo entendimento com relação à Educação Infantil surgem várias leis que passam a assegurar os direitos das crianças, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nº 9.394/96, que define a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica. O que podemos considerar uma grande conquista, visto que a criança passa a ser considerada como um ser de direitos.

A Educação Infantil deve se constituir como uma etapa que possibilite à criança a aquisição de novas aprendizagens, ou seja, um espaço enriquecedor em que busque através da ludicidade aliar o cuidar e o educar, de modo a perpassar os processos de socialização. Nessa perspectiva, seguimos questionamento as professoras acerca do modo como estas percebem o brincar na Educação Infantil.

Na visão da professora Aurora:

É importante por que ele aprende no brincar, em tudo que ele vai fazer ele aprende brincando, tudo, e cuidar, pelo menos na minha sala de aula, eles brinca de cuidar de criança, eles levam as bonecas, vão fazer tudo, tem uma menina que leva até um negócio pra saber se a criança tá doente, mais é a boneca! Eles passa o tempo todinho brincando com as meninas, eu fico só olhando o jeito deles, porque eu na época que era criança não tinha, e eles tem tudo, e é importante eles brincando, em tudo que eles for fazer tem que brincar, eles brinca, ali eles aprende, em tudo, que ele for fazer, ele brincar, é muito importante, eu acho, pelo menos quando eles tiver adulto, vai lembrar que na época que eles era criança eles brincava na educação infantil, eu acho.

Podemos perceber na fala da professora o quanto ela prioriza o brincar na Educação Infantil, de modo que, segundo ela, tudo que a criança faz brincando torna-se mais fácil de aprender. Ela ainda enfatiza que não teve essa oportunidade de ter brinquedos quando era criança, da forma que as crianças tem hoje, de modo que fica evidente, ainda, em sua fala a oportunidade que meninos e meninas têm de brincarem juntos, possibilitando uma relação significativa entre meninos e meninas. Como nos afirma Finco (2010) “[...] o ambiente coletivo e público da pré-escola possibilitam uma educação coletiva, o que propicia à criança diferentes experiências, possíveis por meio da convivência com as diferenças de sexo, idade, etnia, religião etc.” (p. 52).

Percebemos, de fato, a relevância dos brinquedos e das brincadeiras na Educação Infantil, constituindo-se como um modo próprio da criança se relacionar com o mundo a sua volta, ao ponto que torna-se interessante que professores compreendam as especificidades das crianças inerentes aos interesses de cada uma, entendendo o brincar como um modo da criança adquirir novas aprendizagens, ressignificando suas experiências e possibilitando a criação de novas culturas infantis.

De acordo com Oliveira e Tebet (2010)

A criança possui uma capacidade de adaptação dos objetos às suas brincadeiras e para isso usa abundantemente sua imaginação, fantasia e criatividade. O cabo da vassoura pode ser o “cavalo”, ou, entre as meninas, o que se caracteriza como algo corriqueiro e já considerado como parte do universo infantil feminino, o uso da boneca como sua “filhinha”. O objeto utilizado na brincadeira não perde suas características, mas é transformado e ressignificado pelo imaginário infantil (p.50).

A segunda entrevistada nos responde de forma semelhante ao relato da entrevistada anterior, no que diz respeito ao brincar na Educação Infantil ser compreendido como uma forma da criança aprender de forma mais eficaz. Ela nos responde que: “Eu vejo assim, o brincar na educação infantil de modo primordial importância, visto que a ludicidade na educação infantil é o fator principal para o desenvolvimento da criança, quem aprende brincando, aprende mais rápido”. Luna, assim como a entrevistada anterior, nos responde que “o brincar na Educação Infantil é de fundamental importância para o desenvolvimento dos conhecimentos e habilidades das crianças. O lúdico torna a aprendizagem prazerosa”.

De acordo com Martins Filho (2010):

Como toda prática cultural e simbólica, as brincadeiras apresentam inúmeras possibilidades educativas, seja por meio da mediação dos adultos ou pela própria relação entre pares. Parece-nos que investir na dimensão da brincadeira é como „abrir as portas“ à construção da diversidade de valores, crença, formas de composição e criação de crianças e adultos. Assim, as rotinas do brincar das crianças, especificamente, além de se apresentarem como uma prática de desenvolvimento das brincadeiras, também são uma prática de educação, o que, conseqüentemente, passa a ser uma prática de produção de culturas (p.93).

Na ação educativa o brincar apresenta grande relevância, de modo que a criança atribui sentido as coisas através das brincadeiras, bem como na interação com seus pares a criança se depara com uma gama de possibilidades, criando e recriando o contexto que está a sua volta. O ato de brincar oportuniza a criação de novas culturas, que passa a fazer parte de uma categoria social própria da infância.

Ainda de acordo com a questão do brincar na Educação Infantil, Sophia nos responde que “é fundamental para que nossas crianças possam descobrir a magia do brincar aprendendo, desde o colorido das cores até as belezas do está junto com outro e descobrir o aprender de um mundo mágico”. Conforme as entrevistadas anteriores a professora evidencia na sua fala a importância do brincar para que as crianças aprendam de forma satisfatória. Diante do exposto podemos perceber a relevância do brincar dentro das instituições de Educação Infantil, e o quanto essa prática se bem orientada influi diretamente na construção do sujeito, de modo que possibilita a construção do seu desenvolvimento enquanto ator social. O brincar viabiliza que as crianças experimentem uma infinidade de sensações. Nesse sentido Martins Filho (2010) enfatiza que,

O brincar apresenta-se como atividade indispensável e integrante do dia a dia dos contextos educativos da educação infantil. É uma dimensão do humano e que muito se faz presente quando se é criança. Podemos dizer, então, que, por meio das brincadeiras, as crianças alicerçam suas fantasias, suas emoções, seus encantamentos, suas descobertas, compreendem o meio social, desenvolvem habilidades, conhecimentos e criatividade, dando ênfase a sua imaginação, revelando o brincar como elemento essencial e peculiarmente formado nas rotinas do brincar das crianças. (p.92)

Até esse ponto diante das questões analisadas podemos perceber o quanto as professoras enfatizam o brincar como modo primordial para a aprendizagem das crianças. Uma das professoras aponta a questão do brincar como sendo essencial para a formação da identidade do sujeito, ao brincar a criança produz cultura e ressignifica suas vivências. Como

é notório, o ato de brincar na Educação Infantil carrega consigo intencionalidades, que devem ser planejadas e bem executadas, entretanto, o que não se pode deixar ocorrer é que esse ato torne-se meramente mecânico, pelo qual as crianças não têm a oportunidade de ser o autor da sua própria brincadeira e, apenas, reproduza o que lhe é orientado a fazer. O brincar configura-se como parte indispensável para o processo de socialização dentro das instituições de Educação Infantil.

Em um quarto questionamento perguntamos as entrevistadas qual o papel da Educação Infantil mediante os processos de socialização na infância. Uma delas nos responde que,

Há, eu acho, lógico que sim, ela influi, por que a criança começa a socializar com outras desde crianças, porque geralmente quando a criança é assim meia... tem umas que num fica, não se socializa com outras, fica tudo assim esquisita, ela já veio, ela já fica “*requentada*” lá pro canto lá, diz que ninguém gosta dela, ela diz que ninguém quer brincar com ela, mais é escolha dela de ficar sempre afastada das outras crianças, mas na educação começa na educação infantil, ela socializar com outras crianças seja lá ela qual for, por que tem outros, tem gente que diz assim: não é por que você é morena, não tinha essa menina ai eu não quero não, ela tem até piolho eles dizem, olhe eu não quero não ela tem piolho. Eles como é que diz? Eles inventam, eles criam na imaginação deles alguma coisa que impede deles ficar juntos daquelas crianças, mais as crianças deve socializar com todas elas, seja ela especial, porque tem criança que é especial, não gosta que os outros se aproxima, não querem dividir o brinquedo, eu acho importante a criança socializar desde a educação infantil. (AURORA)

A professora nos afirma que a socialização é importante na Educação Infantil, isso porque algumas crianças têm mais dificuldades de interagir com seus pares, que de acordo com a professora é opção delas próprias, que tendem a se excluírem por acreditarem que ninguém gosta delas. A professora também aborda um ponto chave dentro desse processo de socialização, que é a questão das crianças se afastarem das outras em detrimento da sua cor de pele, ou por algum outro motivo. Ela enfatiza, ainda, a relevância de integrar todas as crianças independentemente de suas condições e respeitando as diferenças.

A entrevistada Sophia nos responde de modo similar a Aurora, quando ela nos diz que,

Trabalhar socialização é bastante complexo é de suma responsabilidade, termos um trabalho de buscas constantes, pois nossas crianças nos mostra uma tamanha independência e temos que fazer uma mista para organizar um contexto onde todos juntos sejamos altamente realizados, mediante uma infância em uma sociedade tão dividida, em que se começa nas séries iniciais.

Analisando as falas das professoras podemos enfatizar que quando a criança chega a escola ela traz consigo conceitos que são peculiares aos do seu grupo social, e durante esse período algumas crianças apresentarão maior facilidade em aproximar-se das outras, e algumas não terão esse mesmo desprendimento. Nesse processo é imprescindível que o professor atue como agente facilitador da capacidade de interação social entre as crianças, através da promoção de atividades que viabilizem a compreensão que somos seres diferentes um do outro. Sophia, em sua fala aborda o momento de socialização como sendo complexo, justamente por que cada criança possui suas especificidades. Essa etapa é de grande relevância na vida das crianças, por se tratar de um momento no qual elas terão que aprender a se adaptar a um novo ambiente, diferente do que ela estava acostumada até então.

De acordo com as exposições o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RECNEI) a criança deve

Estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo a sua autoestima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social.

Estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vista com os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração. (BRASIL, 1998, p. 68)

Sendo assim, a forma como as crianças se relacionam com seus pares é imprescindível para a construção de sua identidade, de modo que esse momento de socialização escolar deve ocorrer de maneira significativa e mais natural possível. Como citado por Sophia o processo de socialização é uma busca constante, e isso se deve ao fato de que cada criança possui suas individualidades. O professor de Educação Infantil tem um papel fundamental nesse processo, o de buscar se apropriar dos momentos conflitantes para mostrar as crianças o quanto o respeito ao outro e as suas diferenças são fundamentais.

De acordo com uma das entrevistadas, o processo de socialização na Educação Infantil é de fundamental importância, pois

Essa etapa na vida escolar é a base para que a criança tenha um bom desenvolvimento no decorrer de todas as fases de sua aprendizagem e também da vida. A criança aprende tendo contato com outras crianças e sendo mediada por um bom profissional. (LUNA)

Ao analisarmos a fala de Luna, fica perceptível que ela entende a socialização como sendo primordial para o desenvolvimento integral da criança, na medida em que a criança aprende no contato que ela estabelece com seus pares, e sendo mediada pelo trabalho do professor. Martins Filho (2010) enfatiza que em meio aos processos educativos a criança apresenta-se como um ser culturalmente em construção. Para ele:

À luz das considerações acerca das relações sociais das crianças e suas formas de sociabilidades e produção cultural, procuramos demonstrar que a criança sobre a qual incide a educação é um sujeito histórico-social e cultural. Assim, sua produção cultural e processos de socialização são resultados da influência que o meio social lhe proporciona, bem como da relação ativa da criança com o próprio ambiente social. Entretanto, para aceitar isso, é preciso conceber as crianças como meninos e meninas inseridos em uma geração que tem valor em si. (p.103)

A outra entrevistada, Elza, nos aponta como fator principal dos processos de socialização na Educação Infantil a construção da identidade do sujeito, quando nos diz:

Pra mim assim, o principal papel, é, da educação infantil mediante os processos de socialização na infância é a construção da identidade do sujeito, ou seja, é, da criança no que se diz respeito, pessoal, coletivo, sobre o meio em que ela vive, é todo um conjunto.

Nessa perspectiva, de acordo com os Novos Estudos Sociais da Infância podemos compreender a criança como sujeito ativo dentro do processo de socialização, o que ocorre de acordo com o ambiente no qual está inserida, visto que são sujeitos capazes de ressignificar elementos presentes no seu contexto cultural. Corsaro enfatiza que “numa perspectiva sociológica, a socialização não é só uma questão de adaptação e internalização, mas também um processo de apropriação, reinvenção e reprodução” (2011, p.31). Nesse sentido, a criança enquanto ator social é capaz de transformar o meio ao qual pertence. A professora Elza evidencia em sua fala que a socialização é um conjunto que se dá de forma pessoal para o meio coletivo, de acordo com o meio no qual a criança esta inserida. Desse modo, o processo de socialização viabiliza a importância da criança diante das construções coletivas e com o modo como elas produzem sua cultura, seja com os adultos ou com seus pares.

4.3 A formação inicial para o trabalho com crianças

No contexto educacional o profissional que atua diretamente com as crianças necessita estar bem qualificado para o trabalho docente, visto que a Educação Infantil é uma fase de grande relevância na vida das crianças, e principalmente diante das concepções de criança que temos hoje. Com relação à formação dos profissionais que irão atuar com as crianças, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) traz no seu Artigo 62 do Título VI que,

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (BRASIL, 1996, p.42)

Como vimos anteriormente, os processos de transformações para se chegar até o momento educativo que vivenciamos na atualidade ocorreram de forma lenta e gradual, de forma que a educação que antes tinha um cunho meramente assistencialista passa a visar a formação da criança em todas as suas instâncias, e contribuir para sua formação de modo integral, ou seja, aliando o cuidar e o educar.

Em relação à formação inicial para o trabalho com crianças, em outro questionamento perguntamos as entrevistadas de que forma elas compreendem a importância da sua formação inicial para o trabalho realizado cotidianamente com as crianças. Uma delas nos responde que:

Pra começar eu gosto de trabalhar com criança de quatro anos do que seis, sete, oito, agente tem mais domínio, se aproxima mais de mim, crianças assim de três, quatro, eu me apego a eles e eles também comigo do que com os outros maiores, embora que desde quando eu começo com quatro anos, eles ficam me conhecendo até adulto, hoje eu vejo aluno que já foi meu aluno da 1^o série e só não me chama de tia porque já é mulher, já é até mãe, mas diz olhe professora eu já estudei com você, só não me chama de tia por que também! Os outros não que ainda tem de sete, quando me ver é tia, ai eu respondo oi, eles chegam até a mim, agora não é todos não, tem alguns. Desde quando comecei a trabalhar eu sempre tive essa visão de trabalhar com crianças. (AURORA)

Ao analisar essa resposta percebemos que a professora expressa uma grande afinidade pela Educação Infantil, afirmando que já trabalhou com outras séries, porém, não se

identificou da mesma forma como com as crianças pequenas. Ela enfatiza que encontra ex-alunos, e que apesar de serem adultos ainda há chamam de tia. Na Educação Infantil, a imagem da professora como alguém que faz parte da família ainda é algo muito presente, ou seja, a escola funciona como sendo uma extensão da família. Essa imagem surgiu no Brasil desde meados da década de 50, e permanece até os dias atuais. Tal terminologia traz muitas controvérsias, ao ponto que alguns profissionais acham esse tratamento como uma forma de carinho e amor, entretanto, outros entendem o “tia” como sendo uma forma de desvalorização da profissão docente. Segundo Freire (1997):

Recusar a identificação da figura do professor com a da tia não significa, de modo algum, diminuir ou menosprezar a figura da tia, da mesma forma como aceitar a identificação não traduz nenhuma valorização à lei. Significa, pelo contrário, retirar algo fundamental ao professor: sua responsabilidade profissional de que faz parte a exigência política por sua formação permanente. (p.09)

Ainda em sua fala, Aurora, nos revela que sempre almejou trabalhar com crianças, na medida em que percebemos ao longo da entrevista o amor que ela tem em trabalhar com a Educação Infantil. Entretanto, a partir do questionamento feito, percebemos que a entrevistada não respondeu de forma tão coerente com o que foi questionado, pois, ela nos remete ao seu contato com os alunos, e não da sua formação inicial para o trabalho com estes. Porém, tal fato não diminui a relevância do seu ponto de vista mediante o objetivo principal deste questionamento.

Com relação, ainda, a discussão da formação para o trabalho com as crianças, outra entrevistada aponta de forma sucinta que os conhecimentos adquiridos não poderão ser esquecidos, segundo ela “é uma bagagem adquirida em que jamais iremos esquecer, pois um aprendizado compartilhado no nosso dia a dia em sala de aula com nossas crianças, mas estou em uma busca constante para minha formação”. Podemos compreender na fala de Sophia, que apesar de não estar tão explícita, que ela aborda a questão dos conhecimentos adquiridos ao longo da sua formação como sendo concretizados através de suas práticas em sala de aula. Outro aspecto a ser analisado em sua fala diz respeito a formação continuada, visto que Sophia enfatiza estar numa busca constante de sua formação. O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RECNEI) aponta que,

Nessa perspectiva, faz-se necessário que estes profissionais, nas instituições de educação infantil, tenham ou venham a ter uma formação inicial sólida e consistente acompanhada de adequada e permanente atualização em serviço. Assim, o diálogo no interior da categoria tanto quanto os investimentos na carreira e formação do profissional pelas redes de ensino é hoje um desafio presente, com vista à profissionalização do docente de educação infantil. (BRASIL, 1998, p.41)

Diante do exposto é relevante pensar na formação inicial de professores na Educação Infantil, visto que esse profissional assume um papel de mediar os conhecimentos e saberes culturais das crianças. Tendo em vista as falas das professoras é perceptível que a formação inicial trouxe grandes contribuições para o desenvolvimento das práticas educativas dessas, entretanto, é necessário que se busque a cada dia aperfeiçoamento dessas práticas, de modo que a Educação Infantil deve ser entendida como espaço de desenvolvimento integral da criança, vindo a respeitá-la enquanto sujeito social de direitos.

A terceira entrevistada, nos responde de modo semelhante a entrevistada anterior, ao ser perguntada sobre como ela compreende a sua formação inicial para o trabalho realizado com crianças nos diz que:

Eu compreendo de forma construtiva, pois as experiências vivenciadas a cada dia seguindo o ritmo de cada criança, por que cada criança é diferente, né?, da outra, tem um ritmo diferente da outra, dão significado superior a qualquer livro didático que a gente use, ou até mesmo que vivenciamos no período de formação acadêmica, o dia a dia, as experiências com cada criança, o ritmo de cada uma é que vai construindo, então, eu vejo assim, de forma muito construtiva. (ELZA)

Podemos perceber na fala de Elza, que ela enfatiza que as práticas se concretizam com as experiências do dia a dia, e que as experiências vivenciadas com os sujeitos, também vão construindo o ser professor. Destacando, ainda, a relevância da formação inicial como forma de embasamento teórico do futuro professor, porém, deixando claro na sua fala que as experiências práticas vivenciadas com o público alvo, no caso as crianças, são importantes nesse momento, pois, é a partir desse encontro entre sujeitos e professor que a prática educativa passa a fazer um sentido maior mediante os seus objetivos, que é a formação do cidadão plural. A esse respeito Pimenta (1995) aponta,

A essência da atividade (prática) do professor é o ensino-aprendizagem. ou seja é o conhecimento técnico prático de como garantir que a aprendizagem

se realize em consequência da atividade de ensinar. Envolve, portanto, o conhecimento do objetivo, o estabelecimento de finalidades e a intervenção no objeto para que a realidade seja transformada enquanto realidade social. (p.61)

Diante das exposições e de acordo com a autora, a prática se concretiza através da teoria, de modo a uma dar embasamento à outra. E para que dessa forma, conhecendo os sujeitos sejam traçadas metas para concretização dos objetivos almejados.

Outro dado relatado pela entrevistada é de que a partir do conhecimento da realidade das crianças, como ela especifica na sua fala a partir do “ritmo de cada criança”, você passa a conhecer as especificidades do seu público alvo, e, dessa forma, a construir os tipos de práticas que serão utilizadas no dia a dia com sua turma em sala de aula.

Na mesma perspectiva, a última entrevistada reforça a importância da formação inicial como forma de atribuir maior ênfase as competências que o professor precisa ter para atuar, seja na Educação Infantil ou qualquer nível de ensino da Educação Básica.

A formação inicial é de grande importância. O profissional desempenha suas habilidades e teorias adequando a responsabilidade do dia a dia em sala de aula aos conhecimentos adquiridos com seu processo de formação. Um bom profissional tem que esta sempre se qualificando para ter um processo de ensino e aprendizagem satisfatório. (LUNA)

A entrevistada ainda nos traz a relevância da formação continuada, do mesmo modo como foi apontado por Sophia, ou seja, como uma forma do professor estar sempre se atualizando das novas realidades existentes, dos novos tipos de metodologias e, principalmente, dos novos tipos de sujeitos que iremos encontrar no âmbito das instituições de ensino de Educação Infantil.

Mediante tudo que foi apontado até esse momento e através das falas das professoras entrevistadas, sabemos que compreender a criança enquanto sujeito ativo e produtor de cultura não é tarefa fácil, principalmente diante da visão autocêntrica que gira em torno das crianças. Desse modo, o presente trabalho mostra-se importante ao ponto que possibilita-nos compreender a importância de se discutir sobre as variadas concepções de criança e suas infâncias, seja no âmbito das instituições de ensino, ou mesmo no interior dos cursos de formação de professores. Para que dessa forma as crianças e suas diferentes infâncias ganhem visibilidade e tenham os seus direitos assegurados, como sujeitos partícipes da sociedade atual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa etapa do trabalho nos remete a refletir acerca de tudo que foi coletado mediante o objeto de estudo aqui delineado, ao ponto que de acordo com a leitura dos dados, chegamos a compreensão que várias são as possibilidades de novas pesquisas na área com relação a nossa temática, na medida em que parta-se da investigação de um novo objeto e problema de pesquisa.

Desse modo e mediante a problemática da pesquisa: quais são as concepções de criança e infância de professores da rede pública da cidade de Aparecida-PB, e o que isso implica na sua prática no âmbito da Educação Infantil? Tivemos como objetivo geral analisar as concepções de infância e criança na visão de professores de Educação Infantil da cidade de Aparecida-PB.

A coleta dos dados, que foram obtidos através da aplicação de um questionário contendo cinco questões-temas referentes ao objeto de estudo, nos possibilitou chegar a algumas considerações que nos permitem afirmar que o objetivo inicial foi alcançado, bem como a problemática respondida, pois, as professoras tiveram a oportunidade de nos relatar acerca dos seus entendimentos sobre as concepções de criança e infância, e as contribuições dessa compreensão para sua prática educativa.

As entrevistadas nos mostram que em relação ao entendimento do que é ser criança, que as respostas são bem particulares, pois, cada uma demonstra ter uma visão bem peculiar acerca do que é ser criança, destacando em suas falas o quanto o brincar é significativo para a criança, ou como Luna que evidencia a criança enquanto ser social, que deve ter seus direitos garantidos.

Com relação ao questionamento se ser criança significa ter infância percebemos certa disparidade entre as respostas, pois, duas das entrevistadas apontam que sim, quando destacam que não imaginam a vida de uma criança sem infância, que essa fase é imprescindível para o desenvolvimento da criança e construção da sua identidade. As outras duas entrevistadas destacam que não, pois afirmam que criança e infância são concepções diferentes, e que nem todas as crianças podem vivenciar de fato a infância. As respostas das entrevistadas nos permitem afirmar que é comum vermos os termos criança e infância serem entendidos como possuindo o mesmo significado, sendo primordial que os profissionais da educação saibam diferenciar tais concepções, para que realmente entendam a criança como ela é de fato, ou seja, um ator social capaz de transformar o meio onde está inserida. E a

infância como uma construção social, que é vivenciada de modo particular e individual por cada criança.

No que diz respeito ao brincar na Educação Infantil, as respostas das quatro entrevistadas são bem similares, ao ponto que percebemos em suas falas que estas evidenciam o brincar como fator preponderante para aprendizagem das crianças, de modo que o brincar apresenta-se como uma forma da criança se expressar e ressignificar suas experiências. Dessa forma as brincadeiras no âmbito da Educação Infantil torna-se fator preponderante para o desenvolvimento de novas aprendizagens, pois, ao brincarem as crianças dão sentido as coisas, possibilitando a construção de sua própria cultura.

O papel da Educação Infantil mediante os processos de socialização na infância é compreendido pelas professoras como um modo da criança interagir com os seus pares, e, dessa forma, construindo sua identidade. Elas também destacam a importância do professor durante esse processo, de modo que os processos de socialização vão se construindo de forma coletiva no contato estabelecido com adultos e crianças.

No que concerne à importância da formação inicial para o trabalho com as crianças, as entrevistadas apresentaram opiniões bem distintas, pois, uma delas aborda a sua relação com os alunos, enfatizando a questão da construção da prática educativa a partir das vivências em sala de aula, a relevância da formação continuada para o aprimoramento da profissão docente, e destacando, ainda, o quanto a formação inicial é relevante para o trabalho com crianças. Nesse sentido podemos destacar o quanto a formação inicial é preponderante para o trabalho em sala de aula, uma formação eficaz permite a melhoria da educação de um modo geral.

Dessa forma, chegamos ao fim deste trabalho com a certeza de que os nossos objetivos iniciais propostos foram alcançados com sucesso, e nossa questão problema, respondida, pois, pudemos analisar os diferentes entendimentos das professoras acerca das concepções de criança e infância, seus pontos de vista com relação ao nosso objeto de estudo. O que nos permite evidenciar a relevância do presente trabalho para os estudantes de pedagogia e outras licenciaturas que tenham o anseio de trabalhar com crianças, bem como para os professores e a sociedade como um todo.

Portanto, este trabalho é apenas o início dos anseios que giram em torno dessa grande questão que envolve o ser criança e o ter infância no âmbito da Educação Infantil e fora dela. Nesse sentido, podemos almejar outros tipos de possibilidades de analisar essa questão, tendo em evidência um determinado objetivo ou uma determinada questão problemática que envolva outros sujeitos que venham a nos propor um olhar diferenciado sobre o objeto em questão que é o ser criança e o ter infância na visão dos professores de Educação Infantil. Por

fim, entendemos que esse é apenas o início, e a partir desse trabalho, se possível, iremos aprofundar a temática em estudos futuros, diante da sua relevância para uma própria vivência enquanto pedagoga em formação e professora de Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart; FINCO, Daniela (orgs). **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, p.17-35, 2011.

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. **A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção**. Educação, Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 39-52, jan./abr. 2010.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Guanabara: 1973.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil (1988). Promulgada em 05 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 20 de agosto de 2017.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Câmara dos Deputados, Lei n 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.

_____. **LDB. Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional**. Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Atualizada em Março de 2017. Brasília, 2017.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**, Brasília, v. 1, 1998.

CORSARO, William A. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro**. MULLER, Fernanda. CARVALHO, Ana Maria Almeida (orgs). São Paulo: Cortez, p. 31-50, 2009.

_____. **Sociologia da infância**. Trad. Lia Reis. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DE MAUSE, Lloyd. **História de la infância**. Madri, Alianza Universid: 1991.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MULLER, Fernanda. **Sociologia da infância: pesquisa com crianças**. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 351-360, Maio/Ago. 2005.

DURKHEIM, Émile. **Sociologia, educação e moral**. Portugal: Res-editora Ltda, 1984.

FARIA, Ana Lúcia Goulart; FINCO, Daniela (orgs). **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

FERNANDES, Florestan. As “Trocinhas” do Bom Retiro. **Pro-Posições**, v.15, nº 1 (43), 2004.

FILHO, Altino José Martins. **Olhares investigativos sobre as crianças: o brincar e a produção das culturas infantis.** Momento: Rio Grande, 2010.

FINCO, D. **Educação infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças:** análise das interações entre as professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero, (Tese de doutorado) Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 2010.

FREIRE, Paulo. **Professora Sim Tia Não - Cartas a Quem Ousa Ensinar,** São Paulo: Olho D'água, 1997.

GERHARDT, T. E., RAMOS, I. C. A., RIQUINHO, D. L. e Santos, D. L. dos. Estrutura do projeto de pesquisa. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (orgs.). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

KRAMER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce.** –8°.ed. –São Paulo: Cortez, 2006.

_____. Infância e educação: O necessário caminho de trabalhar contra a barbárie. In: KRAMER, Sônia; LEITE, Maria I.; NUNES, Maria F.; GUIMARÃES, Daniela (orgs.). **Infância e educação infantil.** Campinas: Papyrus, 1999.

_____. O papel social da educação infantil. In: **Revista Textos do Brasil,** Brasília, Ministério das Relações Exteriores, 1999. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000082.pdf> Acesso em: 01 de fevereiro de 2018.

_____. O papel social da pré-escola. **Cadernos de Pesquisa.** N 58, p.77-81 São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1986.

_____. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce.** São Paulo: Cortez, 2003.

KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda R; CORSINO, Patrícia. Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental. **Educação e pesquisa.** São Paulo, V.37, n.1, 220 p. 69-85, jan/abr. 2011.

MARCHI, Rita. As Teorias da Socialização e o Novo Paradigma para os Estudos Sociais da Infância. **Educação e Realidade.** jan/abr, 2009.

MONTANDON, Cleopâtre. Sociologia da Infância: Balanço dos trabalhos em língua Inglesa. **Cadernos de pesquisa,** nº112, p.33-60, 2001.

MORUZZI, Andrea Braga; TEBET, Gabriela Guarnieri. Instituições. In. ABRAMOWICZ, Anete. **O plural da infância: aportes da sociologia.** –São Carlos: EdFSCar, p.21-35, 2010.

OLIVEIRA, Fabiana; TEBET, Gabriela Guarnieri. Cultura da infância: brincar, desenho e pensamento. In. ABRAMOWICZ, Anete. **O plural da infância: aportes da sociologia.** –São Carlos: EdFSCar, p.39-55, 2010.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 2 ed.-Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PIMENTA, S.G. O Estágio na Formação de Professores: Unidade Teoria e Prática? **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 94, p.58-73, ago. 1995.

PINTO, Manuel. A infância como construção social In: SARMENTO, Manuel Jacinto.; PINTO, Manuel. **As crianças, contextos e identidades.** Braga, Portugal. Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança. Ed. Bezerra, 1997.

QUINTERO, Jucirema. Sobre a emergência de uma sociologia da infância: contribuições para o debate. **Perspectiva**. Florianópolis, v 20, n. Especial, p.137-162, jul/dez. 2002.

SIROTA, Régine. Emergência de uma Sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 112, p. 7-31, mar.2001.

SZIMANSKI, H.; ALMEIDA (Org.). **A Entrevista na Pesquisa em Educação: a prática reflexiva.** Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

APÊNDICES



Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Bom dia, meu nome é **Fernanda Lourenço de Sousa**, sou aluna do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande e o/a Sr.(a) está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa intitulada Ser criança e ter infância: uma análise a partir dos novos estudos sociais.

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS: As intenções e motivações desse estudo deve-se ressaltar a necessária e devida contribuição da Universidade Pública na contínua referencialização do ensino superior por intermédio da indissociabilidade entre ensino e pesquisa, nesse caso, desdobradas nas frentes de trabalho da iniciação científica. O objetivo dessa pesquisa é analisar as concepções de infância e criança na visão de professores de Educação Infantil da cidade de Aparecida-PB (Os) dado(s) serão coletados da seguinte forma: o/a Sr.(a) irá participar de uma entrevista, estruturada em um roteiro, que aborda pontos relacionados ao modo que você compreende os conceitos referentes a criança e a infância no contexto da Educação Infantil.

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS: Embora eu tenha o máximo de cuidado para com seu bem-estar é possível um eventual desconforto com as questões a lhe serem perguntadas ou, até mesmo, uma compreensão de sua parte de possível má interpretação de dados de minha parte. Entretanto, em todas as etapas dessa pesquisa, serão depreendidos todos os esforços possíveis para evitar riscos tais quais: constrangimentos, má interpretações nas análises e para com conclusões que não correspondam proporcionalmente a sua compreensão da dinâmica de trabalho em relação ao meu objeto de estudos. Como uma das garantias, sua confidencialidade será assegurada o seu anonimato, via letra inicial de sua profissão e número para sua identificação e indicar a sequencia dos sujeitos desse estudo e os dados revelados aqui serão tratados com absolutos padrões éticos, conforme Resolução CNS 466/12.

FORMA DE ACOMPANHAMENTO E ASSINTÊNCIA: A participação do/da Sr.(a) nessa pesquisa não implica necessidade de acompanhamento e/ou assistência posterior, tendo em vista que a presente pesquisa não tem a finalidade de realizar diagnóstico específico para

o/a senhor/a, e sim identificar fatores gerais da população estudada. Além disso, como no roteiro de entrevista não há dados específicos de identificação do/da Sr.(a), a exemplo de nome, CPF, RG, outros, não será possível identificá-lo/a posteriormente de forma individualizada.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: O/A Sr.(a) será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. O/A Sr.(a) é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de prestação de serviços. Os/As pesquisadores/pesquisadoras irão tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa permanecerão confidenciais podendo ser utilizados apenas para a execução dessa pesquisa. O/A Sr (a) não será citado(a) nominalmente ou por qualquer outro meio, que o identifique individualmente, em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado, assinada pelo Sr.(a) na última folha e rubricado nas demais, ficará sob a responsabilidade do pesquisador responsável e outra será fornecida ao/a Sr.(a).

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS: A participação no estudo não acarretará custos para o/a Sr.(a) e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional. Não é previsível dano decorrente dessa pesquisa ao/a Sr.(a), e caso haja algum, não há nenhum tipo de indenização prevista.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE:

Eu, _____, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci todas minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e desistir de participar da pesquisa se assim o desejar. A pesquisadora _____ certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais, no que se refere a minha identificação individualizada, e deverão ser tornados públicos através de algum meio. Ele/a compromete-se, também, a seguir os padrões éticos definidos na Resolução CNS 466/12. Também sei que em caso de dúvidas poderei contatar a professora orientadora **Maria Thaís de Oliveira Batista**, através do telefone **(083) 98127-4898**. Além disso, fui informado que em caso de dúvidas

com respeito aos aspectos éticos deste estudo poderei consultar o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores, situado à Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n - Casas Populares - Tel.: (83) 3532-2000 CEP 58900-000 - Cajazeiras – PB.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

_____	_____	____/____/____
Nome	Assinatura do Participante da Pesquisa	Data
_____	_____	____/____/____
Nome	Assinatura do Pesquisador	Data



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



Apêndice B - Questionário de Caracterização

1. Dados de identificação:

Nome: _____

Idade: _____ Estado civil: _____

2. Formação básica:

Magistério: () Sim () Não

Ano de conclusão: _____

Científico: () Sim () Não

Ano de conclusão: _____

Especialização: () Sim () Não

Qual?: _____

Tempo de docência:

Quais turmas já lecionou e/ou leciona:

Outros locais em que trabalhou ou trabalha:

Turnos em que trabalha: manhã () tarde () noite ()



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



Apêndice C - Entrevista Semiestruturada

1. O que é ser criança pra você?
2. Ser criança significa ter infância? Justifique sua resposta.
3. Como você percebe a questão do brincar na Educação Infantil?
4. Para você qual o papel da Educação Infantil mediante os processos de socialização na infância?
5. De que forma você compreende a importância da sua formação inicial para o trabalho realizado cotidianamente com as crianças?